

SOCIEDADE

O que significa ser católico no Brasil

Uma pesquisa exclusiva do Ibope mostra que o papa Bento XVI vai encontrar um jovem rebanho que usa camisinha, faz sexo antes do casamento e não vê incoerência em não seguir a doutrina

ELIANE BRUM E MARIANA SANCHES

O PAPA BENTO XVI TEM UM ENCONTRO marcado, na quinta-feira, com um rebanho bem desobediente: a juventude católica. As jovens ovelhas acham normal fazer sexo antes do casamento, assim como usar camisinha e outros métodos para evitar gravidez. Também acham dispensável a autorização dos pais para fazer sexo seguro, mesmo antes dos 18 anos. A maioria dos jovens católicos, entre 18 e 29 anos, acha tudo isso e mais ainda. Dizem que, mesmo praticando o oposto do que a doutrina prega, são bons católicos. É a Igreja, na opinião deles, que está atrasada. Essa é a conclusão de uma pesquisa exclusiva do Ibope, realizada a pedido da ONG Católicas pelo Direito de Decidir com 1.268 jovens católicos em 315 municípios. Ela revela que a Igreja prega uma coisa e os jovens fazem outra:

- 88% acreditam que uma pessoa pode usar métodos anticoncepcionais e continuar sendo boa católica;
- 96% são a favor do uso de camisinha para evitar gravidez e doenças sexualmente transmissíveis;

• 79% discordam de fazer sexo só depois do casamento.

São esses os fatos da vida como ela é – e não como parte do clero gostaria que fosse. Será que eles significam que o futuro da religião está ameaçado caso a Igreja não reveja suas posições no campo da moral sexual? Ou seria essa a essência daquilo que poderíamos chamar de “catolicismo à brasileira”?

Primeiro, é preciso lembrar

que quando o Ibope fez, numa pesquisa realizada em 2005, algumas dessas perguntas a católicos de todas as idades (e não apenas aos jovens), o resultado foi semelhante. Os pais desses garotos, portanto, pensam como eles. Dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, colocou o impasse nesses termos, em artigo publicado no ano passado: “A verdade é que a grande massa dos jovens não está, atualmente, em contato com a Igreja. Melhor dito, a Igreja não consegue falar aos jovens porque está ausente dos espaços onde eles estão. Até mesmo filhos de famílias católicas crescem estranhos à Igreja e nela não se sentem em casa.

Conseguiremos entregar o patrimônio da tradição cristã e eclesial à geração que virá depois de nós? Corremos o sério risco de interromper a corrente de transmissão da fé herdada dos apóstolos e passada de geração em geração”.

O que é, afinal, ser católico no maior país católico do mundo? “Num país como o Brasil, o catolicismo se confunde com a cultura e se mistura com a história, com a ocupação do território, com o calendário de festas e de dias cívicos. Sempre foi possível ser católico e não seguir a doutrina”, diz a antropóloga Regina Novaes, intelectual que trabalha na área de religião e juventude. “O batizado, o casamento religioso e o enterro católico fazem parte dos rituais de apresentação social no país, expressam diferenças de poder aquisitivo e prestígio. Há quem frequente a Igreja e segue a doutrina, há quem esconde vivências religiosas e há quem se define como católico e umbandista. Há uma convivência de muitas formas de ser católico.”

Esse jeito de ser católico aparece nas obras de autores como Jorge Amado, Dias Gomes e Ariano Suassuna. Gerou alguns dos perso-

A religião prega uma coisa... e eles fazem outra A pesquisa do Ibope mostra

88% acreditam que podem usar métodos anticoncepcionais e continuar sendo bons católicos

O que diz a doutrina

A fecundidade é um dom, um fim do matrimônio. A Igreja se declara “do lado da vida” e afirma que “qualquer ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida”

62% acham que a Igreja Católica é atrasada porque condena o uso da camisinha e o sexo antes do casamento

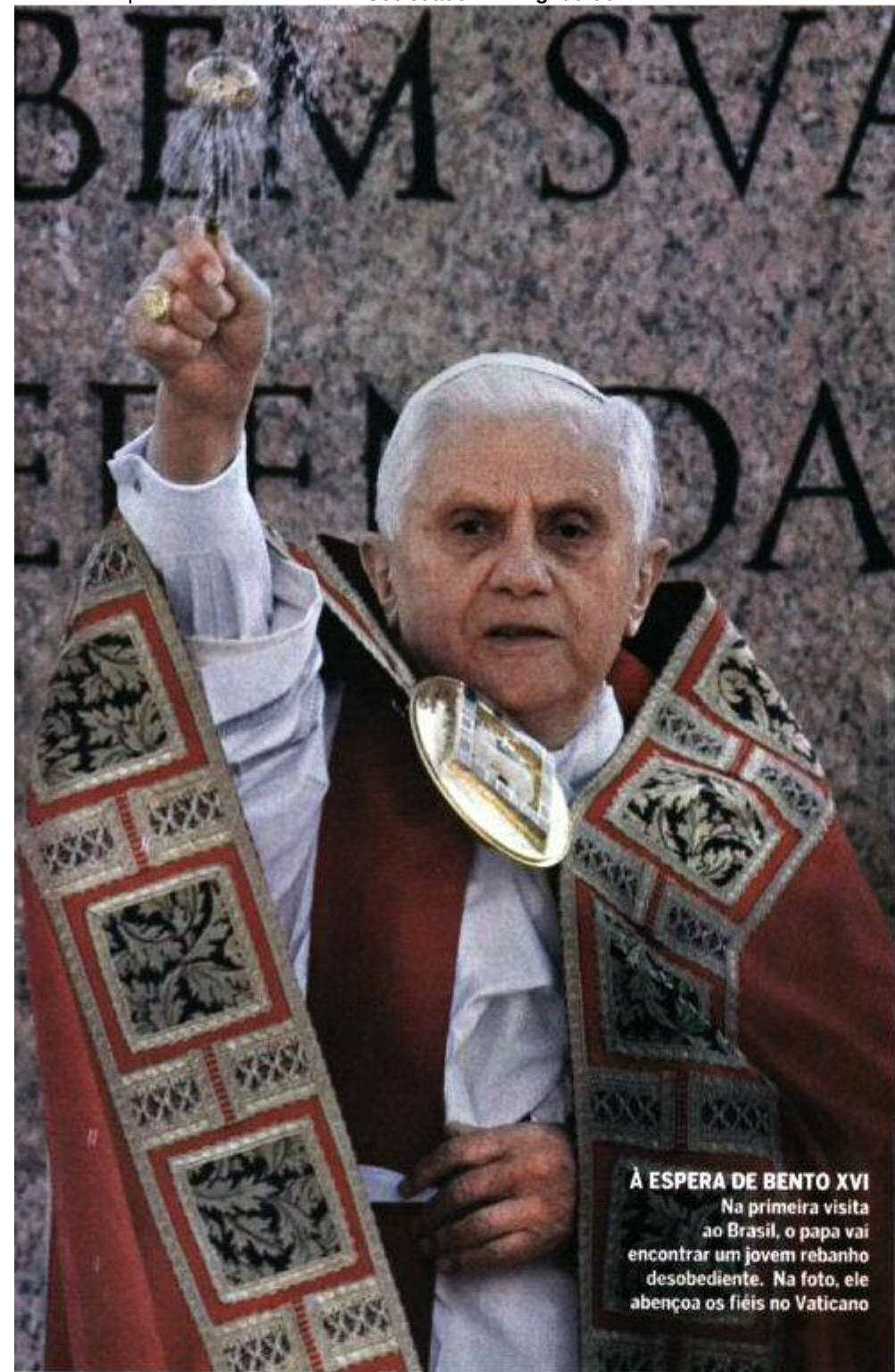
O que diz a doutrina

A luxúria, segundo a Igreja, é um “desejo desordenado” ou um “gozo desregrado” do prazer venéreo. O prazer sexual é condenado quando buscado por si mesmo, isolado do fim de procriação ou de união

79% discordam de só fazer sexo depois do casamento

O que diz a doutrina

O ato sexual deve ocorrer exclusivamente no casamento. Fora dele, é um pecado grave e exclui o sacramento da comunhão. O amor humano, segundo a Igreja, não tolera a experiência e exige doação total e definitiva



A ESPERA DE BENTO XVI
Na primeira visita ao Brasil, o papa vai encontrar um jovem rebanho desobediente. Na foto, ele abençoa os fiéis no Vaticano

nagens inesquecíveis da literatura brasileira. A Perpétua, de *Tieta do Agreste*, as Irmãs Cajazeiras e o Zeca Diabo, de *O Bem Amado*, o Bispo e o Padre João, de *O Auto da Compadecida*, ecoam no público porque não há quem não os reconheça. É também essa brasilidade católica que Bento XVI – o papa que classificou o segundo casamento como “praga” – vai encontrar ao desembarcar em São Paulo.

Bento XVI tem se empenhado na afirmação da doutrina tradicional católica. Na retórica, ele diz estar mais preocupado com a qualidade do rebanho que com a quantidade. Essa qualidade seria expressa por católicos praticantes. Só assim a Igreja poderia, segundo o papa, recuperar uma influência no mundo secular que já foi maior. Um dos campos em que a Igreja tenta recuperar sua influência é a moral sexual. Especialmente na América Latina, onde tem perdido batalhas estratégicas. Buenos Aires e Cidade do México legalizaram as uniões homossexuais. A capital mexicana aprovou ainda o aborto.

É claro que qualquer papa deseja fiéis mais obedientes. Seria ingênuo, porém, acreditar que a Igreja estaria disposta a abrir mão da maioria de suas ovelhas apenas em nome da qualidade dos fiéis. Na quarta-feira, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) anunciou que, entre 2000 e 2003, a Igreja não ganhou nem perdeu fiéis. O censo de 2000 havia revelado uma queda de quase 10 pontos percentuais na população católica. E o crescimento dos evangélicos pentecostais. Segundo a pesquisa da FGV, a proporção de católicos permaneceu estável no período pesquisado: perto de 74% da população. Outro estudo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revelou, ao contrário, que a tendência de queda continua e que 68% dos brasileiros seriam católicos. “O papa ►

que a maioria dos jovens faz o que bem entende em dois temas caros à Igreja Católica: sexo e reprodução

62% são **contra** a prisão de mulher que fez aborto

O que diz a doutrina

Toda vida humana, desde o momento da concepção até a morte, é sagrada. Desde a concepção, a criança tem o direito à vida. Para a Igreja, o aborto é uma prática condenada com pena de excomunhão

96% são a **favor** do uso de camisinha para evitar gravidez e doenças sexualmente transmissíveis

O que diz a Doutrina

Se não for por egoísmo, o “espaçamento dos filhos” é aceitável. Só pode ser alcançado evitando o ato sexual nos períodos férteis por meio de auto-observação. É condenada toda ação “artificial” para evitar a procriação

81% são **favoráveis** ao uso de métodos contraceptivos sem autorização dos pais por menores de 18 anos

O que diz a Doutrina

A união carnal fora do casamento é considerada gravemente contrária à dignidade das pessoas e da sexualidade humana. É vista como um escândalo grave quando há envolvimento de jovens



CARISMÁTICOS Eduardo e Priscila não conseguiram resistir à tentação da carne. Na foto, Maria Eduarda, de 4 meses, está no colo do pai

“Será que é pecado?”

Eduardo Oliveira, de 24 anos, e Priscila Lourenço, de 16, se conheceram na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, em Santo André, no ABC paulista. Ambos participam da Renovação Carismática, movimento cujo maior expoente é o padre Marcelo Rossi. Afirmam que, depois de seis meses de namoro, fizeram sexo usando camisinha. “Eu queria me casar virgem como manda a doutrina, mas não deu”, diz Priscila. “Sabíamos que fazer sexo era um erro, mas é coisa da carne. Senti um pesar”, diz Eduardo.

Procuraram o padre para se confessar. “Foi constrangedor, mas o padre não me apedrejou. Eu disse que não iria mais fazer sexo, que teria um namoro santo. A gente até tentou”, diz Priscila. “O padre disse que eu estava errado e que, se a minha vocação era o matrimônio, que não fizesse mais até me casar. Nós tentamos”, afirma Eduardo.

Depois de uma abstinência de quatro meses, segundo eles, fizeram sexo mais uma vez. Sem camisinha.

“Na hora não é a cabeça que fala, é o instinto. Só depois você pensa, e aí não há mais nada a fazer, é só o arrependimento”, afirma Priscila. “Acho que a Igreja condena a camisinha e os métodos anticoncepcionais para não generalizar o sexo entre a juventude. Mas a camisinha é um bem em um mundo com tantas doenças. Precisamos ser cristãos, mas também precisamos ser coerentes com a proteção”, afirma Eduardo.

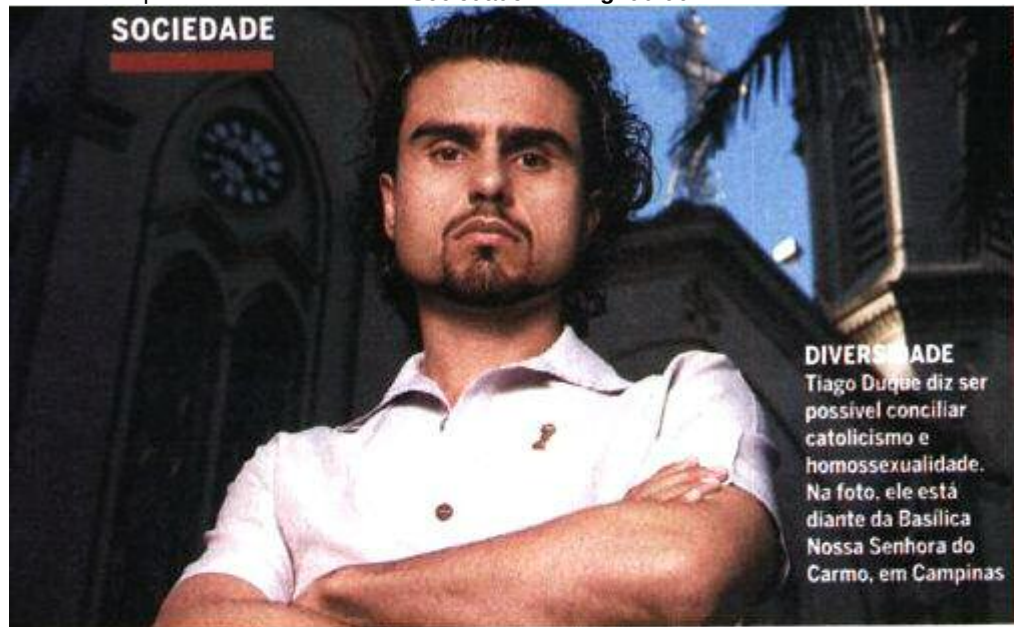
Maria Eduarda nasceu nove meses depois. Eduardo, que quer fazer faculdade de Ciências Sociais, conseguiu um emprego de operador de telemarketing. Priscila interrompeu os estudos para cuidar do bebê. “Desde que ela engravidou, decidimos que não comungaríamos mais porque estamos vivendo em pecado. Só teremos condições de casar em abril de 2008”, diz Eduardo. “A Priscila usa anticoncepcional, e eu estou usando camisinha porque não podemos botar mais dez filhos no mundo. Como eu cuidaria deles? O que fizemos foi contra a doutrina de nossa Igreja. Foi errado? Só Deus pode dizer.”

quer que o núcleo duro de fiéis praticantes cresça e se sinta valorizado, mas jamais vai abrir mão dos católicos de batismo, que são maioria”, afirma o sociólogo Antônio Flávio Pierucci, professor da Universidade de São Paulo (USP) e autor dos livros *Igreja: Contradições e Acomodação* e *O Desencantamento do Mundo*.

Uma pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em 2004, mostrou que só 10% dos católicos participam de atividades religiosas duas ou mais vezes por semana – contra 55% dos evangélicos históricos e 68% dos pentecostais. Gostando ou não, o papa não vai encontrar uma “identidade católica” no Brasil – mas várias. “Ser o maior país católico significa admitir a convivência de vários catolicismos”, diz a socióloga Sílvia Fernandes, consultora do Ceris, organizadora do livro *Mudança de Religião no Brasil: Desvendando Sentidos e Motivações*.

A mera existência dos conceitos de “católico praticante” e “não-praticante” revela uma contradição aparente. É possível ser católico sem sê-lo? Estudiosos acham que sim. “Ter doutrina diferente da prática é da essência de ser católico no Brasil. Essa é a força e a fraqueza da Igreja”, diz Pierucci. “A teologia católica é muito generosa. ►

SOCIEDADE



DIVERSIDADE
Tiago Duque diz ser possível conciliar catolicismo e homossexualidade. Na foto, ele está diante da Basílica Nossa Senhora do Carmo, em Campinas

“Sou gay e sou católico”

Tiago Duque, de 29 anos, foi catequista, coordenador de crisma e quase se tornou padre. Aos 21 anos, assumiu sua homossexualidade. Sociólogo, hoje é assessor da Pastoral da Juventude, em Campinas. Vive com um companheiro. Em sua casa, convivem um pequeno altar com uma imagem de São Francisco de Assis e uma bandeira de arco-íris com a frase “Homofobia é crime”. Tiago deu o seguinte depoimento a ÉPOCA:

“Quando pensava em ser padre, meu medo era: ‘Será que estou indo para o seminário porque meu desejo é ser casto ou por não querer assumir uma possível homossexualidade?’”. Aprendi dentro da religião que os sentimentos do corpo devem ser respeitados porque o corpo é o templo do Espírito Santo. Quando meu desejo ficou muito forte e eu precisei experimentar essa vivência, tive um encontro diferenciado com Deus e entendi que uma coisa é o que o papa escreve e lê lá em Roma, outra é o que o Espírito Santo e sua vida comunitária inspiram. Convivi com padres homossexuais, com namoradas e filhos de padres, com padres humanos, qualificados e vocacionados, que nunca deixaram de viver seus desejos afetivos e sexuais. A Igreja é hipócrita quando prega tantas regras sexuais. É uma incoerência institucional. Mas temos de ter cuidado em separar o que é contraditório do que é incoerente. O incoerente está mais próximo do pecado porque afirma aquilo que não faz. Mas o jovem deve ser contraditório dentro da Igreja para provocar mudanças. Jesus foi o maior contraditório, tanto que morreu na cruz. Ao me assumir gay e continuar católico, não sou incoerente, sou contraditório. Quando o papa fala que homossexualidade é doença, está gerando dor, violência e ódio. Interfere e muito na vida cotidiana. Cristo sempre reconheceu as diferenças e trouxe as pessoas para perto de si. Se eu pudesse dizer algo ao papa, diria para ele ser mais cristão. Mas não fui um dos católicos convidados a ir ao Pacaembu. Não recebi o convite VIP”.

É possível passar a vida pecando e ser perdoado e salvo pelo padre na hora da morte. Por outro lado, o afrouxamento dos vínculos com a instituição torna a maioria dos fiéis disponíveis para outras religiões.” O Brasil, segundo Pierucci, nunca será um país pentecostal porque sempre vai existir uma parcela da população que precisa de “uma religião que não exige que você mude sua vida”. O catolicismo parece desempenhar esse papel perfeitamente.

A CNBB tem se empenhado

em mostrar a urgência de concentrar esforços na evangelização da juventude. E não apenas com a preocupação de barrar a migração dos fiéis para as igrejas pentecostais. Em documentos, os religiosos demonstram sua perplexidade com aquilo que pode ser chamado de espírito do tempo. “O grande desafio que enfrentamos hoje é cultural”, diz o padre Pedro Bassini, indicado pela CNBB para falar sobre a juventude. A Igreja tem perdido a nova geração para um tipo de adesão religiosa só possível no mundo atual. “Os jovens têm feito suas escolhas num campo religioso mais competitivo”, diz Regina Novaes. “Podem se libertar da religião dos pais, escolher outra igreja, eleger uma forma não-institucionalizada de espiritualidade, como o esoterismo, ou ainda ser religiosos sem religião.”

Uma pesquisa do Instituto Cidadania, feita em 2004, mostrou que, entre a juventude, há menos católicos e mais pessoas sem religião que na população geral. Mas apenas 1% dos jovens se diz ateu ou agnóstico. Esse é o grande desafio diante da Igreja Católica: essa geração diz acreditar em Deus, mas um número expressivo

dispensa a instituição como mediadora de sua religiosidade. Mesmo aqueles que se dizem católicos descartam, segundo a nova pesquisa do Ibope, a doutrina em pontos estratégicos para o Vaticano: sexualidade e reprodução. “Para uma religião que aposta na evangelização dos jovens, a pesquisa do Ibope deve servir como um alerta. A Igreja precisa ouvir o que eles têm a dizer sobre autonomia”, diz Dulce Xavier, das Católicas pelo Direito de Decidir.

Se esta é uma época de fundamentalismos, vivemos também o império da autonomia do indivíduo. “A tradição, ao longo da História, ditava as normas para o pertencimento religioso. O questionamento permanente é contemporâneo”, diz Sílvia Fernandes. “Hoje, tudo pode ser questionado, inclusive a tradição.” É esse espaço subjetivo que a Igreja Católica vem perdendo num tempo marcado pelo imperativo da felicidade — uma felicidade medida pela capacidade de satisfação dos desejos. O catolicismo — uma religião cujo maior símbolo é Jesus, um homem-deus crucificado por amor à humanidade pecadora — pouco tem a ver com prazer hedonista. Quem quer hoje perdão pelos pecados se justamente alguns deles, como gula ou luxúria, supostamente podem levar ao gozo da felicidade? Como atrair os jovens se boa parte deles não bate à porta do padre, mas vai ao consultório do psiquiatra quando seu projeto de felicidade fracassa, não em busca da hostia, mas de drogas como o Prozac? Mesmo em leais famílias católicas, o padre parece ter perdido para o médico a autoridade para discutir o número de filhos e o melhor método de contracepção. Também no projeto de felicidade instantânea esboçado pela ▶

SOCIEDADE

"O corpo me pertence"

Angélica Vasconcelos, de 25 anos, é filha de católicos praticantes e foi criada dentro da Igreja. Atua nas comunidades eclesiais de base, na Grande São Paulo. Namora um católico praticante e diz usar anticoncepcional para evitar filhos. Deu o seguinte depoimento a ÉPOCA: "A Igreja prega a castidade antes do casamento, mas acredito que a decisão sobre esse assunto é de cada um. O corpo não pertence a nenhum credo. Cada um faz com ele o que bem entender. Sou católica, sim, mas tenho desejos sexuais. Tive meu primeiro namorado aos 13 anos e, quando passava do limite dos beijos, ficava com a consciência doendo. Confessava esses atos direto a Deus. Depois, comecei a pensar: 'Como manter a castidade numa época em que as mulheres só se casam depois de concluir a graduação e até a pós-graduação?'. Fiquei 11 anos com meu primeiro namorado. Se fosse no início do século XX, teriam me casado aos 14 anos para evitar a perdição, mas hoje não é mais assim. Só perdi a virgindade aos 18 anos, porque queria ser responsável pelos meus atos. Há um ano terminei com o primeiro namorado e agora namoro também um católico. Uso anticoncepcional. A Igreja prega a castidade, mas na prática não é assim. Ninguém condena ninguém por causa disso. Os jovens vão à missa e todo mundo sabe que eles transam, mas ninguém questiona. Acho que Deus está mais preocupado com a fome e a miséria do que com a sexualidade de seus filhos. A Igreja precisa se renovar. Como pedir para as pessoas não usarem camisinha num mundo com aids? Se o sexo fosse só para procriação, as mulheres entrariam no cio como os animais. Sexo é uma necessidade independente do amor. Tenho minha consciência tranquila com Deus, mesmo não seguindo algumas regras da doutrina. Não concordo com elas, logo não posso segui-las. Não é por isso que vou deixar de ser cristã".



CONVIVÊNCIA Angélica Vasconcelos afirma que sexualidade não é assunto da Igreja. Na foto, ela posa com Nossa Senhora Aparecida, sua santa de devoção, e uma cartela de anticoncepcionais

modernidade, o discurso da Igreja parece incapaz de mobilizar a nova geração.

Diante dos desafios do mundo contemporâneo, o trunfo que a Igreja Católica tem sobre as pentecostais é justamente o que Bento XVI parece desprezar: a histórica capacidade de acomodação do catolicismo. "A herança cultural católica no Brasil é inclusiva, sincrética e sem fronteiras fixas. Absorve as novidades", diz Regina Novaes. "Os adolescentes que militam nas pastorais acreditam que podem mudar a Igreja e torná-la mais próxima das causas sociais e das práticas jovens. Muitas vezes são combatidos por padres e freiras. Mas têm o apoio de outros padres e freiras. A convivência de diversas correntes é importante para a vitalidade do catolicismo."

Essa capacidade de acomodação pode ser expressa na análise do padre Pedro Bassini, um dos responsáveis pela evangelização da juventude na CNBB: "Não há perigo em manter as regras da doutrina, porque o jovem não sai da Igreja por causa das proibições. Ele administra sua vida particular de seu jeito. Isso não faz dele um mau cristão".

Os fiéis não são os únicos a ter uma prática variada no amplo espectro do catolicismo. O clero também. "A Igreja está encarnada no mundo. É mais complexa que o Vaticano. As práticas dos padres e dos fiéis também são um elemento constitutivo da Igreja", diz a socióloga Lúcia Ribeiro. Em *Sexualidade e Reprodução: o Que os Padres Dizem e o Que Deixam de Dizer*, obra baseada numa pesquisa com religiosos da Baixa da Fluminense, no Rio de Janeiro, Lúcia mostrou que muitos padres deixam os fiéis

seguir sua consciência em assuntos como sexo antes do casamento, contracepção e uma segunda união.

"A cultura moderna só é incompatível com as normas da Igreja quando não há reflexão. A doutrina é uma lei universal que serve para iluminar a prática, não é uma imposição. Os católicos têm mais liberdade do que julgam ter", afirma o padre João Batista Libânio, teólogo com doutorado na Universidade Gregoriana de Roma e professor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus. "No passado, a Igreja era o único elemento formador da consciência. Hoje há outros, como a ciência. Novos elementos tornam o juízo mais complexo. A última instância de moralidade é a própria consciência. É burrice seguir uma lei se você não a entende."

Em sua prática pastoral, padre Libânio dá comunhão a quem pedir e diz que o uso de camisinha é um assunto fora da alçada da Igreja. "O que é pior? Transar sem camisinha e contaminar todo mundo ou transar e não contaminar ninguém? Não toca à Igreja falar em camisinha, mas sim na seriedade do amor", diz o teólogo. "Não pergunto a quem vem me pedir comunhão se é divorciado ou se recasou e transou na noite anterior. Ser católico não é seguir um monte de regras. Sobre sexo, Jesus não falou quase nada."

Esse é o Brasil católico que Joseph Ratzinger vai conhecer como papa. É a esses jovens católicos – filhos de mães que há décadas adotaram a pílula anticoncepcional e nem por isso deixaram de comungar na missa – que Bento XVI vai se dirigir no primeiro evento de massa de sua visita ao Brasil. ◆